

A Fábula como Ferramenta Pedagógica: uma proposta de intervenção-didático pedagógica

The Fable as a Pedagogical Tool: a proposal for pedagogical didactic intervention

Jean Brito da SILVA¹
Jonathas de Paula CHAGURI²

Resumo

O objetivo deste artigo é divulgar o resultado de uma intervenção didático-pedagógica realizada com alunos do 3º ano do ensino médio nas aulas de Língua Portuguesa. O trabalho fundamenta-se na teoria do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2003; Faraco, 2009) com relação ao trabalho de fábulas enquanto gênero discursivo. Os aspectos metodológicos configuram-se por ser uma pesquisa-ação (Tripp, 2005; Thiollent, 2009) de cunho qualitativo (Gil, 2002; 2008). Como resultado final, este trabalho resultou na publicação de uma coletânea que reúne 13 fábulas escritas pelos próprios alunos durante o processo interventivo.

Palavras-chave: Educação básica. Formação docente. Produto social.

Abstract

The aim of this article is to disseminate the result of a didactic-pedagogical intervention carried out with students of the 3rd grade of high school in Portuguese language classes. The work is based on Bakhtin's Circle Theory (Bakhtin, 2003; Faraco, 2009) in relation to the work of fables as a discursive genre. The methodological aspects are configured by the fact that it is an action research (Tripp, 2005; Thiollent, 2009) of a qualitative nature (Gil, 2002; 2008). As a final result, this work resulted in the publication of a collection that brings together 13 fables written by the students themselves during the intervention process.

Keywords: Basic education. Teacher training. Social product.

¹ Mestre em Educação pela Universidade de Pernambuco, Campus Mata Norte (UPE). Professor da Faculdade Santíssima Trindade (FAST) e da Faculdade Luso Brasileira (FALUB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0883380862761543>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4365-574X>. E-mail: jeanbritods@hotmail.com

² Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) da Universidade de Pernambuco, Campus Mata Norte (UPE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2542979297222110>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7525-9653>. E-mail: jonathas.chaguri@upe.br

Introdução

A fábula pode ser considerada um gênero discursivo utilizado para formação do espírito humano do homem. Em seu estudo, Silva (2008) aponta que não se sabe com precisão da origem da fábula. Por outro lado, Silva (2008) revela que Esopo (século VI a.C), escritor da Grécia Antiga, foi um dos responsáveis por disseminá-la na região e nada deixou registrado por meio de textos escritos quanto a origem da fábula. Esopo era visto como “um criador ou contador de histórias em prosa, e sempre o consideram o pai da fábula” (Dezotti, 2003, p. 29). Por esse motivo, garantiu a popularidade na região grega devido a esses ensinamentos que, posteriormente, recebe homenagem com uma estátua na Ágora de Atenas³.

O contexto de época se passava numa sociedade em que as relações entre os indivíduos se davam por meio das ações de lutas, confrontos, força, poder e mediação (Candido, 2012). Todo o comportamento humano tinha como termômetro os ideais da História, Filosofia Antiga, Literatura e Antropologia, a fim de que pudesse refletir nas práticas sociais destes sujeitos. É importante ressaltar que a Grécia era “o centro principal a partir do qual se organiza historicamente o período mais importante da evolução grega. Situa-se, por isso, no centro de todas as considerações históricas” (Jaeger, 1995, p. 106).

A fábula se apresenta dentro de sua configuração como uma “narrativa curta, leve e que é protagonizada geralmente por animais, os quais personificam valores, atitudes, costumes e linguagens humanas” (Silva, 2018, p. 20). Assim, há séculos, a fábula atravessa os moldes humanísticos, a fim de que o homem pudesse se perceber enquanto cidadão. Decorrente a este contexto, o objetivo desse artigo é divulgar o resultado de uma intervenção didático-pedagógica realizada com alunos do 3º ano do ensino médio nas aulas de Língua Portuguesa.

A Base Nacional Comum Curricular-BNCC (Brasil, 2017) indica que a fábula seja ensinada aos alunos durante sua permanência de estudo nos anos finais do ensino fundamental, respectivamente para as turmas do

³ “É um grande espaço público, centro da vida social, política e comercial da cidade na Antiguidade que aconteciam reuniões e debates políticos como eleições, celebrações religiosas, atividades mercantis, atuações teatrais ou competições atléticas. Hoje, encontramos em ruínas e é um dos principais pontos turísticos da cidade de Atenas e da Grécia” (Vale, 2019, online).

8º e 9º ano. Contudo, entendemos que podemos trabalhar com a fábula no ensino médio, pois, neste contexto, existe uma lacuna social nos valores morais que se materializam em certas práticas sociais arbitrárias dos alunos que cursam o 3º ano do ensino médio na escola que ocorreu o processo interventivo.

É, por essa razão, então, que justificamos o trabalho com a fábula no ensino médio a fim de aperfeiçoar os valores morais, os quais, boa parte das vezes, são deturpados por uma mídia televisa e por uma tecnologia avassaladora que cultiva a cultura do imediatismo e individualismo em prol da manutenção de um capitalismo acelerado.

Com o intuito de proporcionar a exposição dos resultados do processo interventivo, para além dessa introdução, o texto está organizado em mais três seções: na primeira, conceituamos os pressupostos teóricos; na segunda, apresentamos o aporte metodológico da pesquisa com os resultados e discussão do processo interventivo e, na terceira seção, finalizamos com as considerações finais e as referências que constam neste artigo.

Pressuposto Teórico

O Círculo de Bakhtin era constituído por intelectuais de diversas formações e atuações profissionais (Faraco, 2009). Dentre eles, havia Mikhail Mikhaïlovitch Bakhtin (1895-1975), mais conhecido como Bakhtin entre os pesquisadores das ciências humanas, pois foi um filósofo e pensador russo, teórico da cultura europeia e das artes. Valentin Nikoláievitch Voloshinov (1885-1936) e Pavel Nikolaevich Medvedev (1892-1938). As discussões entre estes intelectuais, no Círculo de Bakhtin, orientavam-se por pautas e ideias filosóficas, mas, sobretudo, com uma inclinação às discussões sobre a linguagem. É envolvido por esta discussão que este texto ganha forma para compreensão dos conceitos de língua, enunciado e gêneros discursivos, neste caso, as fábulas.

Vale destacar que os estudos bakhtinianos considera a interação com o outro como algo essencial na constituição da língua. Considera-se, portanto, o homem como um sujeito socio-histórico que fala sempre em função do outro, constituindo seus enunciados a partir de uma esfera social

de circulação. Dentre as diversas configurações de esferas sociais de circulação que possuímos, tais como: religiosa; jurídica; escolar; política, familiar, dentre outras, as práticas sociais exercidas *na e por* estas esferas sociais estão estritamente ligadas ao uso da língua. Por este motivo, a língua se estabelece a partir de um espaço de interação social na relação entre o *eu* e o *outro* “[...] em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana” (Bakhtin, 2003, p. 261).

Diante disso, entendemos que as esferas sociais partem como princípio das ramificações das diversas situações em que acontecem as interações sociais, isto é, a partir da materialização dos enunciados que ocorre em uma determinada esfera social de circulação. A seguir, na figura 1, organizamos para o leitor, as esferas de circulação social e alguns dos gêneros discursivos pertencentes a cada área da atividade humana.

Figura 1 - Esferas de Circulação e Alguns Gêneros Discursivos



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Diante da figura 1, entendemos que quando decidimos ir à missa, seja na capela do bairro mais próximo onde residimos ou na mais distante, durante a homilia, que se caracteriza por ser a manifestação litúrgica que orienta os fiéis católicos acerca da religião sobre o evangelho do dia, o padre faz uso da palavra oralizada, ou seja, da oralidade para que ocorra a interação entre o eu (padre) e o tu (fiéis), no qual ambos estão em uma esfera social denominada de religiosa. O que observamos é que nesse contexto, intercambiável, entre padre e fiéis na igreja, configura-se um gênero discursivo oral: a homilia⁴.

Por outro lado, quando fazemos uso da escrita por meio de uma carta de reclamação para expressar alguma insatisfação de um produto ou serviço prestado a nós, neste caso, estamos lançando mãos de um enunciado escrito a fim de estabelecer uma interação entre o meu eu (consumidor) e o outro (prestador de serviço).

O que estamos argumentando neste artigo é que a língua, o enunciado e os gêneros discursivos são os três conceitos que elencamos para guiar o trabalho que desenvolvemos durante a intervenção didático-pedagógica. No quadro 1, a seguir, conceituamos o que é língua e enunciado para ampliarmos, posteriormente, o conceito de gêneros discursivos.

Quadro 1 - Língua e Enunciado a partir de Bakhtin

LÍNGUA	ENUNCIADO
Materialização concreta dos enunciados nas práticas sociais.	Unidade comunicativa que é instrumentalizado pela interlocução de um alguém enquanto sujeito social, atravessado pela oralidade, escrita e/ou por ambos.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Bakhtin (2003).

A língua, neste caso, a Língua Portuguesa, promove uma prática social na qual a produção de sentidos ao que se fala e lê é estabelecida pelas relações contextuais entre os interlocutores. Por essa razão, a língua não se configura como estrutura que intermedia o contato de um sujeito com o mundo para transmitir sentidos. A língua não está pronta em uma

⁴ Palavra de origem grega e que significa “conversa familiar”. Trata-se de uma exortação proferida por quem preside a Liturgia Eucarística (Missa), levando os fiéis a praticar aquilo que ouviram durante a proclamação das leituras.

estrutura, pelo contrário, ela é inacabada e sempre se constrói a partir do que é escrito e falado em função do outro.

Desta forma, os enunciados ocorrem tanto na oralidade quanto na escrita. Por isso que temos os gêneros discursivos orais e os gêneros discursivos escritos. Em outras palavras, os enunciados são como “[...] uma face verbal (o dito) e uma face não verbal (o presumido - que amarra a significação do enunciado ao horizonte social amplo, ao aquém da estrutura) em direção ao outro” (Faraco, 2009, p. 122).

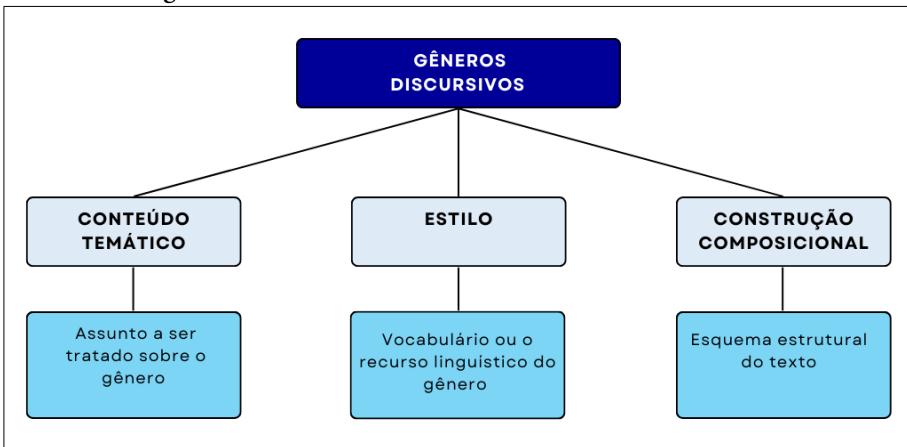
Com isso, compreendemos que “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso” (Bakhtin, 2003, p. 263). Isso revela que há uma variedade de gêneros discursivos em decorrência das diversas atividades humanas que nós, enquanto sujeitos socio-históricos, nos envolvemos a partir de nossas práticas sociais, marcadas por uma pluralidade infinita que é produzido *na e pela* língua.

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional (Bakhtin, 2003, p. 261).

Um gênero discursivo, portanto, se constitui, segundo Bakhtin (2003), pelo **conteúdo temático, estilo e construção composicional**, sendo, portanto, indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de uma esfera de circulação social, como já discutido, anteriormente, nesta seção.

Na pesquisa desenvolvida por Rodrigues (2020), foi elaborado um fluxograma delimitando os elementos que determinam a composição de um gênero discursivo. Contudo, para este espaço enunciativo, julgamos pertinente, além de sumarizar estes elementos, conceituar de forma ampla cada um deles. Portanto, na figura2, a seguir, sintetizamos os três elementos constitutivos sobre os gêneros discursivos sendo o **conteúdo temático, estilo e construção composicional** os que formam os gêneros discursivos orais ou escrito.

Figura 2 - Elementos Constitutivos dos Gêneros Discursivos



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Bakhtin (2003).

No primeiro elemento, o **conteúdo temático**, “não é o assunto específico de um texto, mas é um domínio de sentido que se ocupa o gênero” (Fiorin, 2020, p. 69). Por isso, está atravessado por uma atividade enunciativa maior que compreende a comunicação discursiva. A fábula, por exemplo, que se configura como gênero discursivo de discussão neste artigo, é “uma narrativa sobre as estratégias discursivas do ser humano” (Góes, 2005, p. 142), ou seja, tem como promoção a personificação dos animais para discutir os valores morais. Em outras palavras, ela é uma via de mão dupla no processo de interação verbal entre os interlocutores. Ora, o locutor, ao produzir a fábula, constrói um sentido: o interlocutor, na condição de leitor, elabora um novo significado a partir do que foi escrito pelo locutor anterior, neste caso, o autor.

O segundo elemento é o **estilo**. Nele acontece a “seleção de meios linguísticos. Ele é, pois, uma escolha de certos meios lexicais, fraseológicos e gramaticais” (Fiorin, 2020, p. 70), ou seja, está a serviço do interlocutor para que haja uma compreensão significativa do enunciado.

O estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e - o que é de especial importância - de determinadas unidades compostoriais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos da relação do falante com outros participantes da

comunicação discursiva - com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc. O estilo integra a unidade de gênero do enunciado como seu elemento (Bakhtin, 2003, p. 266).

Tomemos como referência, mais uma vez, o gênero discursivo fábula. Tomamos como estilo os dois recursos linguísticos: a referenciação e a adjetivação. O primeiro, conforme afirma Marcuschi (2001) é a operação do material linguístico com o emprego de termos para designar expressões. No texto, reporta-se [referenciação] a outras expressões, enunciados, conteúdos ou contextos textuais cooperando para a continuidade tópica e referência.

O segundo estilo, segundo Yokomizo (2011) auxilia na construção de sentido do texto, na descrição dos personagens e no auxílio do andamento do conflito para se alcançar o desfecho. Para elucidar uma melhor compreensão destes recursos linguísticos, façamos a leitura de um recorte da fábula *O lobo e a cabra*, do fabulista Esopo.

“O lobo e a cabra”

Um lobo viu uma cabra pastando em cima de um **rochedo escarpado** e, como não tinha condições de subir até lá, resolveu convencer a cabra a vir mais para baixo. Um lobo viu uma cabra pastando em cima de um **rochedo escarpado** e, como não tinha condições de subir até lá, resolveu convencer a cabra a vir mais para baixo.

– Minha senhora, que perigo! – disse ele numa voz amistosa. – Não seja imprudente, desça daí! Aqui embaixo está cheio de comida, uma comida muito mais gostosa.

Mas a cabra conhecia os truques do **esperto lobo**.

– Para o senhor, tanto faz se a relva que eu como é boa ou ruim! O que o senhor quer é me comer!

Moral da História: Cuidado quando um inimigo dá um conselho amigo” (Saber Genial, 2021, online – grifos dos autores).

Perceba que o termo **ele**, destacado em negrito na narrativa acima, faz referência a um termo expresso anteriormente, neste caso, o substantivo próprio **um lobo** (personagem). Na mesma lógica, o termo **rochedo escarpado** (lugar) é referido com o elemento **lá** para fazer menção a este mesmo espaço.

Para este mecanismo linguístico de referenciamento, atribuímos o nome de Anáfora, que, segundo Marcuschi (2001, p. 219), trata-se do “termo usado para designar expressões que, no texto, se reportam a outras expressões, enunciados, conteúdos ou contextos textuais contribuindo assim para a continuidade tópica e referencial”.

Nesta mesma fábula, há alguns termos em destaque que atuam no processo de adjetivação. Eles auxiliam no encaminhamento da construção de sentido do texto, bem como na descrição dos personagens e no auxílio do andamento do conflito para se alcançar o desfecho, conforme explica Yokomizo (2011). A adjetivação, então, é realizada pelo termo **amistosa** e pelo termo **voz**, expressando o entendimento de uma voz afetuosa, conciliadora, mansa. Logo adiante, há o termo **esperto**, colocando o lobo na condição daquele **que percebe tudo** e que está **atento, vigilante**.

O terceiro elemento constitutivo de um gênero discursivo é a construção composicional. Este elemento é “a forma de organização, a distribuição das informações e os elementos não-verbais: a cor, o padrão gráfico ou a diagramação típica, as ilustrações” (Koch; Elias, 2015, p. 110). Trata-se, portanto, da estrutura do gênero discursivo, isto é, como o gênero está organizado. Na fábula, por exemplo, a estrutura precisa constituir-se da apresentação dos personagens, momento e o lugar onde a ação se desenvolve; da complicação onde ocorre o desencadeamento de fatos e/ou conflitos entre os personagens; do clímax, parte da narrativa em que alcança seu estado de criticidade, direcionando ao desfecho. E, por fim, o desfecho no qual acontece a resolução do conflito iniciado pelos personagens.

Assim, reafirmamos que os gêneros discursivos são essenciais na comunicação humana e é por meio dos enunciados expostos, a partir dos gêneros discursivos, que todos os sujeitos conseguem interagir na sociedade. Para recordarmos do que precisamos comprar no supermercado, lançamos mãos do gênero discursivo lista de compras. Para compreender as ações medicinais ou de cura de um remédio, usamos a bula de remédio. Para testemunhar ações espontâneas ou relato de uma história ou algum fato ocorrido em palavras, imagens e sons, utilizamos a reportagem de TV. Para ensinarmos, na área jurídica, alunos em casos jurídicos, temos a reprodução de uma determinada situação no qual os

envolvidos apresentam suas argumentações de defesa e de acusação, a fim de ser realizado uma análise de um determinado problema, neste caso, portanto, temos o júri simulado. Em todos estes exemplos, temos a utilização de gêneros orais (reportagem de TV e júri simulado) e escritos (lista de compras e bula de remédios) já cristalizados em sociedade nas práticas sociais. A citação, a seguir, serve-nos como confirmação do que estamos discutindo neste espaço enunciativo.

Os gêneros são os tipos de enunciados relativamente estáveis, caracterizados por um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo. Falamos sempre por meio de gêneros no interior de uma dada esfera de atuação. Elas estabelecem, pois, uma interconexão da linguagem com a vida social. A linguagem penetra na vida por meio dos enunciados concretos e, ao mesmo tempo, pelos enunciados a vida introduz-se na linguagem. Os gêneros estão sempre veiculados a um domínio da atividade humana, refletindo suas condições específicas e suas finalidades (Fiorin, 2020, p. 68-69).

Os gêneros discursivos são constituídos em uma socialização humana. Por essa razão, nos dão subsídios para que, dentro da sala de aula, possamos explorá-los com os alunos, o que nos possibilita práticas de linguagem para além do espaço escolar. A partir deste contexto, “a interação com o texto ativa o conhecimento prévio e de mundo do leitor e o engaja em atividades de expressão de suas interpretações e opiniões, e o possibilita a realizar atividades significativas para seu contexto e/ou sua prática com a linguagem” (Cristovão, 2009, p. 53). Com isso, estes gêneros discursivos devem ser instrumentos de ação de trabalho do professor de Língua Portuguesa.

Os gêneros fazem parte de nosso dia a dia, pois, ao interagirmos com o outro, utilizamo-nos de enunciados já existentes na sociedade, selecionados conforme as necessidades de interações moldados de acordo com o ato interlocutivo em que os indivíduos falantes estão inseridos (Costa-Hübes, 2009, p. 137).

O professor de Língua Portuguesa precisa trabalhar na sala de aula os diversos tipos de gêneros discursivos. As atuais propostas curriculares de

ensino, como o caso do Estado de Pernambuco (Pernambuco, 2019A; Pernambuco, 2019b), propõe o estudo da Língua Portuguesa por meio do contato com gêneros discursivos (orais ou escrito). Por essa razão, conforme apontam Dias, Mesquita; Finotti et al. (2011) é fundamental que este ensino se dê por meio dos gêneros discursivos para que haja o desenvolvimento da competência discursiva.

No caso deste artigo, a intervenção didático-pedagógica privilegiou o contato com o gênero discursivo fábula por entendermos que este gênero desperta a imaginação do aluno-leitor-autor com uma vertente lúdica e fantasiosa, o que ocasiona o desenvolvimento da criatividade e a formação do espírito humano crítico deste aluno, além da formação de valores. Levando em conta esse contexto, trabalhar com gêneros discursivos é uma oportunidade de criarmos “[...] situações de reflexão que permitam aos alunos reconhecê-lo quanto a seus aspectos contextuais, temáticos, composticionais e estilísticos” (Costa-Hübes, 2009, p. 137). Na próxima seção, apresentamos o percurso metodológico do processo interventivo, acompanhado dos resultados e discussão.

Aporte Metodológico: conceito, resultado e discussão

O processo interventivo caracteriza-se como uma pesquisa-ação (Tripp, 2005; Thiolent, 2009) com análise qualitativa dos dados (Gil, 2002; 2008). A pesquisa-ação orienta a participação dos pesquisadores na situação problema a ser investigada, ou seja, requer deles um envolvimento efetivo, buscando transformar a realidade constatada, a partir da sua percepção, entendimento e empenho para a ação dos elementos envolvidos na pesquisa.

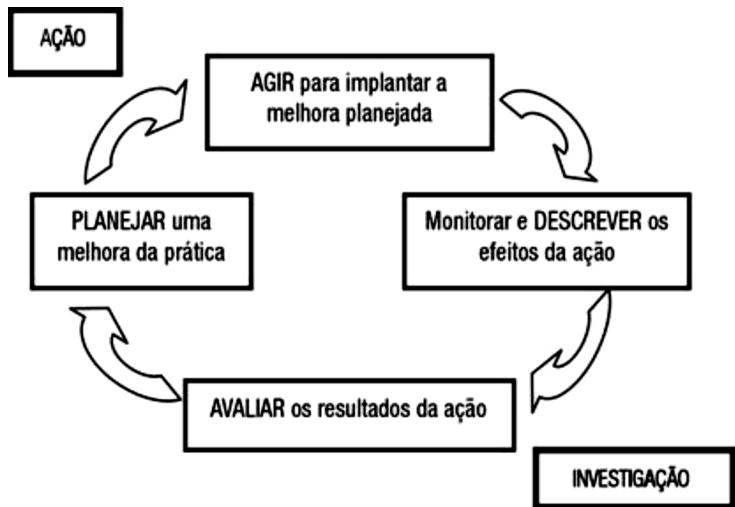
Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Thiolent, 2009, p. 16).

O ponto que justifica como procedimento técnico a utilização da

pesquisa-ação é o fato de tornar-se um processo de aprendizagem para todos os participantes, usando estratégias úteis para que os envolvidos apreendam a situação e queiram modificar certos aspectos inaceitáveis que são suscetíveis de mudanças e que exigem uma resposta prática.

Desse modo, “planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação” (Tripp, 2005, p. 446). A figura 3, abaixo, permite-nos ilustrar de forma pontual as quatro fases do ciclo básico de investigação de uma pesquisa-ação.

Figura 3 – Ciclo Básico de uma Pesquisa-Ação



Fonte: Tripp (2005, p. 446).

A pesquisa-ação é uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática de ensino. Para isso, os instrumentos de coletas de dados desse processo interventivo foi um diário de bordo e um conjunto de atividades organizadas didaticamente com os três elementos constitutivos (conteúdo temático, construção composicional e estilo verbal) que formam o trabalho com o gênero discursivo em Bakhtin (2003).

Os participantes da pesquisa é um grupo de 34 (trinta e quatro) alunos, sendo 12 (doze) alunos do gênero masculino e 22 (vinte e dois) do gênero feminino, matriculados no 3º ano, turma A, período matutino, em 2023, em uma escola pública, na cidade de Nazaré da Mata, Zona da Mata Norte, estado de Pernambuco. Todos os alunos encontravam-se em uma faixa etária de idade entre 16 e 18 anos.

Destacamos que a escolha por estes participantes ocorreu porque o primeiro autor desse texto estava como professor de Língua Portuguesa no ano de 2023 da turma. Além disso, ressaltamos que criamos pseudônimos, ou seja, nomes fictícios para identificar os alunos, quando necessário e, desse modo, garantir a anonimização dos participantes. O trabalho passou pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Pernambuco (UPE) e foi aprovado pelos pares.

A intervenção didático-pedagógica teve início no dia um de junho de dois mil e vinte e três (01.06.2023) e foi encerrada no dia dezenove de junho de dois mil e vinte e três (19.06.2023). A intervenção contou com 18 (dezoito) aulas de Língua Portuguesa. As aulas iniciavam às 7h30 e encerravam-se às 9h10, contabilizando 2 (duas) horas aulas, pois cada encontro possuia 1 (hora) aula que corresponde a 50 (cinquenta) minutos. Cada aula aconteceu nas quartas-feiras, quintas-feiras e sextas-feiras. Todos os participantes receberam um Caderno de Atividades Didático-Pedagógico (Silva, Chaguri, 2023) para realizarem as atividades propostas.

O instrumento de coleta de dados configura-se por dois tipos de instrumentos: um conjunto de atividades sobre o estudo da fábula e um diário de bordo. O primeiro instrumento é um conjunto de atividades organizadas, sequencialmente e didaticamente a partir de um gênero discursivo, neste caso, a fábula, produzido pelos autores. Este conjunto de atividades busca organizar os elementos constitutivos que compõe o trabalho com o gênero discursivo em Bakhtin (conteúdo temático, construção composicional e estilo verbal). Por outro lado, o segundo instrumento consiste nas anotações pessoais do primeiro autor deste artigo acerca do processo interventivo, contendo observações relacionadas ao estudo da fábula, organização das aulas e avanços alcançados.

A seguir, na próxima subseção, apresentamos os elementos constitutivos trabalhado ao longo do processo interventivo.

Elemento constitutivo da fábula: conteúdo temático (assunto)

O objetivo da aula proposta foi estudar como se dá a narrativa da fábula. Nesta etapa, a aula inicia-se com uma atividade que traz como título **O Texto e Seus Significados**. O propósito desta atividade foi levar os alunos aprenderem como se dá a narrativa da fábula, ou seja, como a fábula revela o plano moral ao final de sua narrativa. A fábula **A Assembleia dos Ratos**, do Esopo (século VI a.C), mais uma vez, foi ponto de partida para discussão. É importante destacar que, nesta proposta de atividade, todos foram conduzidos ao processo de reescrita da fábula.

Nesta sequência de atividades, os alunos puderam colocar em prática, por meio da escrita, o plano moral da fábula do fabulista Esopo. Um fato interessante foi a iniciativa de um dos alunos que sugeriu a pesquisa de provérbios e ditados populares que contextualizava com a narrativa estudada. Julgamos pertinente a sugestão do aluno e permitimos que fizessem esse jogo intertextual. No término deste conjunto de aulas, as versões finais foram lidas entre eles com suas múltiplas versões.

Na próxima subseção, apresentamos, então, o trabalho com o plano composicional da fábula (estrutura, personagens da narrativa, situação problema com o desfecho e autores fabulistas).

Elemento constitutivo da fábula: plano composicional (estrutura)

Nestas aulas, contamos com um conjunto de atividades que se iniciaram em seis de junho de dois mil e vinte e três (06.06.2023) com 02 (duas) aulas e terminaram no dia sete de junho de dois mil e vinte e três (07.06.2023) com 02 (duas) aulas, totalizando 04 (quatro) aulas. Estas aulas tiveram duração de 50 (cinquenta) minutos cada. O objetivo destas aulas foram estudar o modo de organização da estrutura composicional do gênero discursivo fábula.

Neste conjunto de aulas, realizamos a leitura das fábulas que introduzem atividades relacionadas aos textos **O Leão e o Rato** e **A Raposa e a Cegonha**, ambos do fabulista Jean de La Fontaine (1621-1695). Durante a leitura, os alunos revelaram que não se recordavam do que vinha a ser um plano narrativo que se configura por apresentar os personagens, lugar, enredo, complicação, clímax e o desfecho.

A partir desta percepção, após a leitura, ficaram inquietos com o que já haviam produzido, estereotipando como erro as produções por não terem atendido as características que compõe a narrativa da fábula. Contudo, salientamos que fazia parte da construção do conhecimento e, por essa razão, era normal. A cada etapa das aulas, eles mesmos perceberam os reajustes necessários nas fábulas que estavam sendo escritas. Para facilitar o processo de compreensão do plano composicional da fábula, conforme propõe Bakhtin (2003), seguimos para a atividade intitulada **Colocando em Prática**. Nesta atividade, puderam identificar o plano composicional da fábula, conforme demonstra o excerto na figura 4.

Figura 4 - Atividade do Processo Interventivo

Colocando em Prática

Agora que você já conhece como é composta a estrutura de uma fábula, vamos realizar uma atividade para identificar a estrutura deste tipo de texto que estamos estudando nesse módulo II.

A LÍBERE E A TARTARUGA
Esopo (320 a.C. – Circa, 564 a.C.)

Liberde para todos o poeta Esopo (320 a.C.).

— Teve pena de celi —, disse ame org e **Líbero à tartaruga** — dirigida a andar com a tua casa de resina, não gosta passar, correr, brincar, e devora os teus inimigos.

— Gárde para si e me congratule — disse a tartaruga — **pescada como sou, e tu ligas como te gabas de ser, apostemos que eu chego primeiro do que tu a qualquer meta que nos propusemos a alcançar.**

— Vá fino, disse a libor: né pela gruta antes a espuma.

Ajustada a metade, foliou a tartaruga a caminho; a libor que a via, passada, ir remado em seu rasto como uma porfida, e foliou a calcar, e divertir; e a tartaruga ia-se edentamente.

— Olé! canarrada, disse-lhe a libor, vido a tartaruga assim! Que gelo! que custa que eu vos dizer um pregaço.

E se bom a dizer, malhar o fio para escorrer de tartaruga, devolvê-la, e fingir desmai, divindos sempre hei de chegar a tempo. De súbito elas, já era tarde, a tartaruga estava na metade, e vencecera libe retrubula os seus debouches!

— Que vergonha! Uma tartaruga venceu em ligeireza a uma libor!

MORAL DA HISTÓRIA: Nada vale correr sempre para em tempo, e só se distingue pelo sentido.

Foto: Digitado no site em: www.educacaovirtual.com.br/fabulas.html. Acesso em: 12 Jan. 2022.

Fonte: Excerto de uma atividade do processo interventivo elaborado pelos autores (2023).

Durante a execução da leitura da fábula *A lebre e a tartaruga*, de Esopo (620 a.C. a 564 a.C), o valor moral explorado foi a subestimação. Neste momento, cada aluno trouxe um pouco de experiências vividas nas suas práticas sociais. Outro fato interessante é que um aluno (identificado por nós como Hebert⁵), trouxe por meio de suas memórias da infância, a recordação de ter lido uma fábula que coloca o rato jovem como o ator do seu próprio plano. Hebert alega que isso estava presente em uma das coletâneas de fábulas acompanhadas de um DVD com a reprodução de filmes dessas narrativas.

Durante a discussão acerca do plano composicional da fábula, o pesquisador contou com apoio do aparelho do *databshow*, na qual pode comentar de forma detalhada como ocorre o desenvolvimento dos personagens, a construção do enredo e a mensagem transmitida por meio da moral da fábula. Assim, a etapa que se configura como **elementos composticionais da fábula** se fez necessária, pois, proporcionou aos alunos uma melhor compreensão como esses elementos se entrelaçam para criar uma narrativa coesa e significativa. Afinal, todos possuíam fragilidades neste aspecto.

Na próxima subseção, apresentamos o trabalho com o plano composicional sobre os personagens na narrativa da fábula.

Elemento constitutivo da fábula: plano composicional (personagens da narrativa)

Nesta aula, contamos com um conjunto de atividades que iniciaram e terminaram em doze de junho de dois mil e vinte e três (12.06.2023) com um total de 01 (uma) aula. Esta aula teve duração de 50 (cinquenta) minutos. O objetivo foi ensinar a construção dos personagens na narrativa da fábula a partir da personificação dos animais. A partir da atividade **O Texto e Seus Significados**, os alunos realizaram uma atividade que os levaram a aprender como explorar a construção dos personagens na narrativa da fábula a partir dos animais.

⁵ Nome fictício para manter a anonimização do aluno.

Como se sabe, nas fábulas, sempre há a personificação dos animais em seres humanos para vivenciarem situações que são vividas pelos homens.

Quem dá essas características aos animais é o homem. O lobo, por exemplo, é tido como mau; o pavão, como vaidoso; mas nenhum animal é de verdade bom, mau ou vaidoso, pois os animais não pensam, não é mesmo? Eles simplesmente seguem seus instintos. Dessa forma, não é só a característica do animal que determina a escolha de uma personagem para a fábula, mas também a visão que os homens têm sobre os animais (Fernandes, 2001, p. 43).

A partir deste entendimento, a atividade possibilitou aos alunos perceberem como a descrição dos comportamentos do reino animal e suas características atribuídas estão relacionadas com as atitudes dos seres humanos. Além de levá-los ao entendimento dessa construção semântica das atribuições humanas nos animais, como desfecho desta atividade, contamos com a leitura e estudo da fábula **Cigarra e a Formiga**, de Jean de La Fontaine (1621-1695).

A fábula do escritor francês foi utilizada como base para o estudo da diferença de um *discurso direto*, no qual o narrador anula sua voz para evidenciar a fala dos personagens, para que, assim, haja um entendimento da própria ação dos personagens para o leitor, versus *discurso indireto*, no qual há interferência do narrador para descrever o que está se passando dentro da narrativa.

Para finalizar esta etapa da aula, os alunos puderam dar sequência a atividade intitulada **Agora é sua vez!**. O intuito foi promover a criatividade, estimulando a reescrita do final da fábula **A Cigarra e a Formiga** atribuindo uma nova moral, levando em consideração os aspectos estudados nesta aula.

Durante este conjunto de atividades, todos compreenderam como ocorre a personificação dos personagens na narrativa da fábula e como os discursos se materializam dentro deste tipo de narrativa. Os alunos não recordavam a diferença desses dois aspectos do discurso (discurso direto e indireto), o que fez a explicação e a atividade se tornarem pertinentes já que é comum seu uso não apenas para a compreensão das fábulas, mas para qualquer um outro gênero discursivo.

Na próxima subseção, apresentamos o trabalho com o plano composicional sobre a situação problema e desfecho da fábula.

Elemento constitutivo da fábula: plano composicional (situação problema e desfecho da fábula)

Nesta aula, contamos com um conjunto de atividades que iniciaram e terminaram em 13 de junho de dois mil e vinte e três (13.06.2023) com um total de 01 (uma) aula. Esta aula teve duração de 50 (cinquenta) minutos. O objetivo da aula foi compreender a construção e identificação da situação problema e desfecho de uma fábula. Neste momento, os alunos começaram a aprender como identificar a situação problema e o desfecho que a fábula dispõe. Neste caso, o desfecho ocorre pela construção da moral. Assim, foram estimulados a analisarem os textos que dispomos no quadro 2 abaixo:

Quadro 2 - Textos Diversos

TEXTO A

“Pescadores de Itamaracá, no Grande Recife, encontraram dois peixes-leão, espécie invasora e venenosa, neste domingo (26). Esses animais, os primeiros a serem vistos na costa de Pernambuco, foram capturados utilizando uma armadilha usada na pesca conhecida como corvo e foram entregues à prefeitura da cidade”. Fonte: Portal G1, 27/02/2023.

TEXTO B

“Os corredores comunitários do Alto do Burity e do Morro da Conceição, na Zona Norte do Recife, receberam os batuques e as coreografias de manifestações culturais como clubes carnavalescos, blocos afro, maracatus e troças”.

Fonte: Jornal do Comércio, 21/02/2023.

TEXTO C

“Era uma vez uma tartaruga e um coelho que viviam na floresta. O coelho era muito rápido e, sempre que podia, zombava da tartaruga, dizendo que ela era lerda demais.”

Fonte: Disponível online em: <https://www.culturagenial.com/melhores-fabulas-com-moral/>. Acesso em 15 fev. 2023.

TEXTO D

“Era uma vez uma colônia de ratos, que viviam com medo de um gato. Resolveram fazer uma assembleia para encontrar um jeito de acabar com aquele transtorno. Muitos planos foram discutidos e abandonados.”

Fonte: Disponível online em: <http://asfabulasdeesopo.blogspot.com/2009/04/assembleia-dos-ratos.html>. Acesso em 15 fev. 2023.

Fonte: Excerto de uma atividade do processo interventivo elaborado pelos autores (2023).

A partir do quadro 2, observamos que os excertos A e B são trechos da esfera jornalística e que podem indicar quando e onde aconteceram os fatos, ou seja, conseguem evidenciar o tempo/lugar. Por outro lado, nos excertos C e D, encontramos trechos que correspondem a esfera artístico-literária, configurando por ser o gênero discursivo fábula, pois há presença de animais e apresentam a problematização inicial da narrativa.

Dada a explicação com atividade destes excertos, em consonância com os alunos, todos tiveram uma rápida percepção da diferença entre os trechos. Na sequência, como forma de sintetizar o entendimento, todos leram a fábula **O Julgamento da Ovelha**, sob autoria de Monteiro Lobato (1882-1948), acompanhada de questões a respeito da indicação do tempo, espaço com um quadro de alguns trechos de provérbios e ditados populares e que normalmente são utilizadas dentro desta narrativa.

Durante a leitura da fábula **O Julgamento da Ovelha**, os alunos se voltaram à questão legislativa que é insuficiente quando aplicadas às minorias brasileiras, ou seja, há falha do Estado. Houve um comparativo com um dos episódios da novela “Vai na Fé”, escrita por Rosane Svartman, transmitida pela TV Globo do Brasil em 2023. A discussão se voltou sobre o personagem Yuri, interpretado pelo ator Jean Paulo Campos. Na ocasião, Yuri é preso de forma injusta.

No episódio narrado pelos alunos, Yuri é um estudante de bacharelado em Direito. Infelizmente, é confundido com um criminoso. Tudo se inicia em um bar com os colegas de curso de Yuri, pois há um desentendimento entre ele e um outro colega. No desenrolar da cena, então, com olhar furioso, ao caminhar para fora do bar em direção à sua casa, Yuri se dá conta que um carro da polícia se aproxima dele e começa a acompanhá-lo. Isso gera pânico em Yuri. Por esta razão, ele decide correr ao invés de manter-se calmo para uma possível abordagem policial. Devido a esta atitude de Yuri, a polícia entende como um ato de fuga e, então, acionado o giroflex da viatura, alcança o Yuri e o leva para ser detido. Quando Yuri chega na delegacia, passa por um interrogatório, até ser imposto sob ele a acusação de tentativa de roubo e estupro.

Este momento da discussão foi relevante, pois os alunos puderam perceber o quanto as questões sociais refletem no alcance da proteção e da promoção do indivíduo. Após o debate, realizamos uma atividade que estava organizada a partir de um quadro com diversos provérbios que podem ser usados na elaboração de uma fábula. Para isso, então, o aluno

teve que assinalar com um (x), os provérbios e/ou ditados populares que normalmente são inseridos dentro de uma fábula. Abaixo, na figura 5, segue o excerto da atividade escrita.

Figura 5 - Quadro com trechos de textos diversos

8. Abaixo segue um quadro com alguns trechos. Assinale com um (x) quais delas podem ser inseridas dentro de uma fábula.

De grão em grão, a galinha enche o papo.	Academia Latina da Gravação define música latina como uma canção gravada em espanhol ou português.	Deus ajuda quem cedo madruga.
Uma aventura na neve.	Pimenta nos olhos dos outros é refresco.	Sem a música a vida seria um erro.
A pressa é inimiga da perfeição.	Eu não sei o que quero ser, mas sei muito o que eu quero me tornar.	Quem com ferro fere, com ferro será ferido
Não grite a sua felicidade, pois a inveja tem sono leve	Dar a César o que é de César	O que os olhos não veem, o coração não sente

Fonte: Excerto de uma atividade do processo interventivo elaborado pelos autores (2023).

Como se pode observar a partir da figura 5, no terceiro quadro azul, há o excerto: *a pressa é a inimiga da perfeição*. Neste momento, houve uma discussão voltada a este provérbio. Os alunos puderam contextualizar, com suas realidades vividas enquanto pré-vestibulandos, que almejam estudar numa universidade pública e/ou ganhar bolsa de estudos e, que, muitas vezes, se colocam em um lugar de distância para alcançarem o curso desejado.

Uma aluna, em função de sua perspectiva de fé, por sua vez, em decorrência da fala dos colegas, trouxe verbalmente a reflexão bíblica presente no livro de Eclesiastes, capítulo 3, versículo 1 que introduz a seguinte declaração: “existe para cada coisa um tempo debaixo do sol,

tempo de plantar, de colher, de nascer, de viver e de morrer". Na sequência, a aluna finalizou sua contribuição com uma inferência marcante ao apresentar a seguinte argumentação: "a gente (nós) devemos estar no lugar que a gente(nós) devemos estar" inclinando, portanto, a ideia de respeitar o processo, o tempo, pois o caminho é individual.

Nesta mesma oportunidade, para finalizar este momento de discussão, o trecho do videoclipe *Dar a César o que é de César*⁶ foi identificado por um outro aluno como intertextualidade presente na canção do MC César, dialogando com a fábula *O Julgamento da Ovelha*, pois, tanto na canção quanto na fábula, a conexão intertextual se dá pela referência ao princípio de justiça. A canção conta a história do compositor, atravessada com as questões sociopolíticas do Brasil.

Assim que foi concluído este momento de discussão, seguimos para a leitura das fábulas *A Raposa e o Leão* de Monteiro Lobato (1882-1948) e *O lobo e a Cabra*, de Esopo (século VI a.C.). A partir da leitura destas fábulas foi questionado que, embora sejam do mesmo gênero discursivo, as narrativas apresentam situações-problemas diferentes. Na primeira, o leão é fingido, ou seja, utiliza-se de uma desculpa para conquistar o que almeja. Já na segunda, há uma disputa entre os personagens (lobo e cabra) de quem é o mais esperto.

Na ocasião, o pesquisador realizou a leitura da fábula *A Coruja e a Águia* de Monteiro Lobato (1882-1948) em que diferencia o problema do desfecho. O problema trata-se do tema abordado na história. Na narrativa, a coruja quer proteger seus filhotes na perspectiva estética. Entretanto, a beleza é subjetiva. Já o desfecho está atrelado ao que os personagens executam, ocasionando uma ação final. Na narrativa, os filhotes da coruja são devorados pela águia. Na sequência deste conjunto de atividades, os alunos foram conduzidos a compreender que uma fábula, quando é escrita pelo autor, ele apresenta um estilo de escrita para as situações-problemas no qual ele deseja discutir na fábula para o seu leitor.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vx2QswxE1cg&ab_channel=PineappleStormTV>. Acesso em 08/11/2023.

Elemento constitutivo da fábula: estilo verbal (referenciação e adjetivação)

Nesta etapa, contamos com um conjunto de aulas que iniciaram em quatorze de junho de dois mil e vinte e três (14.06.2023) e terminaram no dia quinze de junho de dois mil e vinte e três (15.06.2023) com um total de 04 (quatro) aulas. Estas aulas tiveram duração de 50 (cinquenta) minutos cada. O objetivo destas aulas foi estudar o recurso linguístico-discursivo que se volta ao estudo do processo de referenciação e adjetivação no emprego da fábula.

Não só a fábula, mas qualquer outro gênero discursivo, exige uma relação de sentido entre quem produz e quem lê o gênero discursivo e, portanto, isso ocorre quando o autor utiliza de forma adequada os recursos linguísticos que a língua dispõe para que ambos possam operar a compreensão do que está sendo dito ou lido por este ou aquele determinado gênero discursivo. Isso faz com que os gêneros discursivos passem a ser coesos e coerentes aos olhos de quem lê. No entanto, devido a fábula ser mais recorrente ao uso da coesão referencial (referenciação) pela sua estilística, buscamos dar enfoque a este recurso.

A partir dos estudos de Koch e Elias (2005), a coesão é o fenômeno que se refere à presença dos elementos linguísticos de um texto que se conectam através de recursos linguísticos, formando sequência que transmitem sentido de maneira coesa e coerente. Nesta ótica, as fábulas, então, utilizam deste fenômeno para criar uma conexão lógica entre as partes da história e manter a narrativa fluindo de maneira consistente.

A respeito disso, Koch e Elias (2015, p. 123) definem referenciação como as “[...] diversas formas de introdução no texto, de novas entidades ou referentes. Quando tais referentes são retomados mais adiante ou servem de base para a introdução de novos referentes”. Por esta razão, o aluno comprehende este mecanismo, fortalecendo a prática discursiva da escrita a fim de que possa empregar com segurança, os elementos no texto, para a coesão e progressão da sua produção textual.

Na aula, após ser ministrado a explicação de como funciona o processo referencial com os seus elementos coesivos, o pesquisador seguiu para o estudo do processo de referenciação (expressões usadas para designar cada personagem ou lugar) e o de adjetivação (como são descritos os

personagens e outros elementos da narrativa). As aulas foram proveitosas, pois, os alunos puderam expor suas dúvidas e, assim, compreenderam como algumas palavras atuam no processo de adjetivação, possibilitando a construção de sentido do texto que o autor pretende alcançar.

Ao final do processo interventivo, os alunos pudessem rescrever suas fábulas, observando as versões anteriores que foram escritas por eles no decorrer da intervenção didático-pedagógica. Na produção final, os alunos tiveram avanços significativos no momento que voltamos para as produções iniciais, quando realizarmos um comparativo entre o antes e depois do processo interventivo. A adesão da atividade **Roteiro de Produção** foi um instrumento que pôde facilitar esse processo de escrita e reescrita do texto.

Após a intervenção didático-pedagógica, os autores desse artigo organizaram uma coletânea que reúne as fábulas escritas pelos próprios alunos. Este material é consumível e pode ser encontrado para venda no site da primeira rede física de livros sob demanda do Brasil, a chamada Agbook pelo link <<https://encurtador.com.br/iCXRn>>.

Julgamos pertinente tornar este produto social consumível para o público em geral para maximizar o impacto e a relevância dessa intervenção didático-pedagógica, promovendo, assim, a aplicabilidade na prática e a disseminação do conhecimento produzido por outras pesquisas que possam usar este material divulgado por este artigo.

Considerações Finais

Ao longo das 18 (dezoito) aulas de língua portuguesa com o grupo de 32 (trinta e dois) alunos do 3º ano do ensino médio, trabalhamos os três elementos constitutivos (conteúdo temático, construção composicional e estilo verbal) com gênero discursivo fábulas, a partir das contribuições teóricas de Bakhtin (2003).

Em linhas gerais, concluímos, então, que esse processo interventivo possibilitou mudanças na prática social dos alunos. Além disso, houve o fortalecimento do trabalho com a leitura e a escrita para circulação social de fábulas produzidas pelos próprios alunos e, sobretudo, o ensinamento para o cultivo dos valores morais para se viver bem e melhor em sociedade.

Os alunos, neste processo interventivo, foram protagonistas de suas próprias produções, ou seja, deslocando-se do papel de alunos para autores de suas fábulas com circulação social.

Esperamos, sobretudo, explicar aos leitores, que esse artigo, não se limita a este espaço enunciativo. Pelo contrário, há outras possibilidades de estudo, que pesquisas posteriores a este trabalho, podem explorar e discutir no âmbito de programas de pós-graduação tanto de natureza profissionais quanto acadêmicas, estudos relacionados ao processo interventivo.

Referências

- BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
- CANDIDO, M. R. História e Literatura Grega, Novas Abordagens em Antigas Leituras. In: NETO, José Maria Gomes de Souza. (Org.). **Antigas Literaturas: diálogos entre a história e a literatura**. Recife: EDUPE, 2012, p. 39-53.
- COSTA-HÜBES, T. C. Reflexões Linguísticas sobre Metodologia e Prática de Ensino em Língua Portuguesa. **Confluência**, v.1, n.35, 2009, p. 129-146.
- CRISTOVÃO, V. L. L. Desvendando Textos com o Interacionismo Socio Discursivo. In: ANTONIO, Juliano Desirato, NAVARRO, Pedro. **O Texto como Objeto de Ensino, de Descrição Linguística e de Análise Textual e Discursiva**. Maringá: Eduem, 2009, p. 49-57.
- DEZOTTI, M. C. C. Os primórdios da fábula na literatura brasileira. **Itinerários - Revista de Literatura**, v.--, n.44, 2017, p. 211-228.
- DEZOTTI, M. C. C. **A Tradição da Fábula: de Esopo a La Fontaine**. São Paulo: IOESP, & Brasília: UNB, 2003.
- DIAS, E.; MESQUITA, E. M. C.; FINOTTI, L. H. B., *et al.* Gêneros textuais e (ou) gêneros discursivos: uma questão de nomenclatura?. **Revista Interacções**, v.7, n.19, 2011, p. 142-155.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo:** as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

FERNANDES, M. T. O. S. **Trabalhando com Gêneros do Discurso: fábula.** São Paulo: FTD, 2001.

GÓES, L. P. **Fábula brasileira ou fábula saborosa:** sábia, divertida, prudente, criativa. São Paulo: Paulinas, 2005.

JAEGER, W. **Paideia:** a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e Compreender os Sentidos do Texto.** São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **A Coesão Textual.** 20. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. *Revista Letras*, v.--, n.56, 2011, p. 217-258.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esporte. **Curriculum de Pernambuco:** áreas das linguagens. Recife: A Secretaria, 2019a.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esporte. **Curriculum de Pernambuco:** ensino fundamental. Recife: A Secretaria, 2019b.

RODRIGUES, E. B. **Produção Textual de Crianças do 3º ano do Ensino Fundamental a partir do trabalho com Gêneros Textuais.** 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Mato Grosso, Rondonópolis, 2020.

SABER GENIAL. (2021). **O Lobo e a Cabra.** 2021. Disponível em: <<https://www.sabergenial.com.br/literatura/fabulas-o-lobo-e-a-cabra-o-parto-da-montanha>>. Acesso em 17/04/2024.

SILVA, J. L. L. ConFABULANDO... In: MENDONÇA, Márcia. (Org.). **Diversidade textual:** propostas para a sala de aula da formação continuada de professores. Recife: CEEL, 2008. p. 67-78.

SILVA, F. M. **Entre Atos, Ratos E Risadas:** leitura e escrita de fabulosos argumentos. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

SILANO, J. K.; CHIMENEZ, J. C. **Publicação alterada com autoria inventada para manter o anonimato do autor.** Mimeo: cidade. 2023.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, v.31, n.3, p. 443-466, 2005.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 2009.

VALE, P. S. Atenas clássica e a importância dos espaços coletivos. 2019. **Site Caos Planejado.** Disponível em: <<https://caosplanejado.com/atenas-classica-e-a-importancia-dos-espacos-coletivos/>>. Acesso em: 14/12/2023.

YOKOMIZO, V. V. **Fábula:** proposta de trabalho em sala de aula. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Programa de Desenvolvimento Educacional. (2011). **O Professor PDE e os Desafios da Escola Pública Paranaense de 2007.** Curitiba: SEED, 2011, online. Disponível em: <<https://abre.ai/jNmb>>. Acesso em 12/11/2023.

Recebimento em: 28/11/2024.

Aceite em: 30/09/2025.